

9.00.00.00-5 – OUTROS

9.21.00.00 – 7 – Relações Internacionais

## **NOSSA AMÉRICA, NOSSO CINEMA: O CINEMA LATINO-AMERICANO E A INTEGRAÇÃO DA REGIÃO**

Victor Oliveira Tibau - Orientando

Curso de Relações Internacionais – Faculdade de Ciências Sociais

Prof. Dr. Mauro Luiz Peron – Orientador

Departamento de Geografia – Faculdade de Ciências Sociais

### **RESUMO:**

*Nossa América, Nosso Cinema* pretende analisar como o cinema latino-americano pode fazer parte do processo de integração da América Latina. Com as obras *Terra em Transe* (Glauber Rocha), *Memórias do Subdesenvolvimento*, (Tomás Gutiérrez Alea), e *A Hora dos Fornos* (Fernando Solanas), o projeto visa compreender a representação fílmica de elementos da identidade latino-americana e sua relação com o processo político. São discutidas suas proposições cinematográficas e os conceitos inter-relacionados identidade, representação e identificação, inter-relacionados. Analisam-se sequências dos filmes selecionados, dentro do contexto regional. Conclui-se com a perspectiva segundo a qual o cinema pode exercer um papel chave na integração regional.

Palavras-chave: Cinema; Integração Regional; América Latina

### **INTRODUÇÃO**

*Nossa América, Nosso Cinema* tem como principais objetos de estudo a integração e o cinema latino-americanos. Através da análise de três filmes selecionados e de ampla bibliografia – sobre cinema, relações internacionais, história, sociologia e geografia –, além de uma entrevista com o cineasta Fernando Solanas, visa estudar as possibilidades de relação entre as esferas política e cultural, sob viés essencialmente multidisciplinar. A pesquisa busca a compreensão de que forma, desde seu surgimento, o cinema é um instrumento de poder e como foi usado como tal pelas nações e regiões, e como os povos

se retrataram nos filmes e como foram compreendidos pelos outros através deste meio.

Propõe-se uma nova abordagem aos estudos de integração regional, tradicionalmente ligados ao paradigma econômico. No atual trabalho, discute-se a possibilidade da chamada *Integração cultural*.

## **DESENVOLVIMENTO**

A abordagem aqui adotada refere-se à relação do cinema com o poder, com as nações. Busca-se a compreensão de que forma, desde seu surgimento, o cinema é um instrumento de poder e como foi usado como tal pelas nações e regiões. Como os povos se retrataram nos filmes e como foram compreendidos pelos outros através deste meio.

A técnica que ampara o cinema só foi possível graças às Revoluções Industriais que ocorreram na Europa e alcançaram os Estados Unidos. Estes países, modernizados, industrializados e urbanizados, foram o berço do cinema e o moldaram conforme sua preferência. Nasceu e desenvolveu-se o cinema sob o signo do eurocentrismo. O cinema aparece, visto assim, não apenas como reproduzidor de costumes, representação de uma realidade apenas como imagem ou ilustração, mas, pelo contrário, tem um papel crucial como formador de identidades e realidades, como agente de implementação de modelos e assume a linha de frente do projeto imperialista de dominação, exploração, colonização e dependência.

Já o cinema latino-americano da década de 1960 era profundamente ligado a seu país de origem, estreitamente vinculado com as questões políticas, econômicas, sociais e culturais do local onde fora produzido. Suas reflexões são marcadas por serem típicas de sua região e, mais ainda, da inserção de sua região no sistema mundial contemporâneo à época de sua produção.

A postura de Fernando Solanas, por exemplo, é radical e de extremo comprometimento com o cinema político. A busca por inovação e criação é uma constante em seu Terceiro Cinema, que combatia tanto os modelos do cinema comercial estadunidense quanto as propostas reformistas do cinema de

autor. Sob a égide da libertação se constrói este cinema: a batalha contra o imperialismo, a dependência, o neocolonialismo, a imposição de modelos eurocêntricos que inferiorizam os povos do Terceiro Mundo e toda forma de dominação que esteja presente na América Latina foi uma constante, como também o foi a necessidade da politização, tanto do povo quanto da cultura.

Já Glauber Rocha defende que o diferencial e o grande mérito do cinema novo brasileiro, do qual era o principal expoente, é a busca pela identidade nacional e pela consciência da mesma traduzida em uma atitude política na cultura e economia. Glauber sintetiza em poucas palavras a linha de trabalho que busca: informação e revolução; épica e didática. Almeja um cinema revolucionário, comprometido com a informação e com a revolução, disposto a criar novas formas de arte adequadas à realidade latino-americana fazendo frente à cultura hegemônica norte-americana e europeia.

Por sua vez, Tomas Gutiérrez Alea se viu livre de impedimentos formais, materiais e políticos para trabalhar, e pode se debruçar sobre a teoria cinematográfica de maneira muito proveitosa. Seus escritos possuem grande profundidade na análise do cinema como espetáculo, e discorrem especialmente sobre o tema da identificação, além da representação da realidade, o cotidiano e o extraordinário, a postura passiva e ativa do espectador e a desalienação através do cinema. Alea ressalta que o cinema é, em primeira instância, um espetáculo que existe para o desfrute do público, mas, para que possa cumprir sua função ética, estética, social e revolucionária, deve ser constituído como um fator de desenvolvimento do espectador. O cinema será mais fecundo na medida em que incite o espectador a uma compreensão da realidade. Deve, para isso, valer-se da razão e do intelecto. Razão e emoção devem coexistir. A produção teórica de Alea se baseia no conceito de identificação, buscando um cinema que se identifique com o espectador fazendo-o passar da contemplação à ação rumo a uma mudança social.

Quanto ao conceito de região, é possível afirmar que inclui o natural e também o cultural; engloba os aspectos físicos e humanos. Seja em sua delimitação, composição ou inserção, vê-se a ação do homem moldando e

incidindo sobre a região. A vivência e a percepção do espaço são contextualizadas e construídas temporal e espacialmente. Cada espaço é singular e possui suas características próprias que, por sua vez, manifestam-se nos habitantes. Compreender esta construção social histórica e geográfica é um primeiro passo essencial na compreensão da identidade.

A identificação se apoia sobre elementos compartilhados objetivos (a língua, o território, um passado comum, etc.) e se projeta em representações imateriais. É fundamental para tanto a concepção das fronteiras, que são elementos extremamente complexos nos quais há um constante conflito entre o simbólico e o político. As fronteiras políticas da América Latina em larga medida não representam distinções culturais originais, mas, por outro lado, foram impostas por um poder político externo.

A busca do monopólio da identificação através da representação é claramente uma busca de poder político. O Estado nacional se apropriou deste monopólio, e utiliza os meios oficiais para propagandear-lo – escolas, exército, fronteiras, etc.

De modo geral, pode-se afirmar que a identidade latino-americana se apoia sobre dois elementos basilares: colonização e diversidade, além dos muitos outros elementos decorrentes destes. Sem a colonização não haveria América Latina, pois antes da mesma havia povos autóctones diversos espalhados pela região. Assim, europeus, africanos e povos autóctones, que são as três principais raízes do povo latino-americano, se misturaram dando origem à variedade que é característica da região. Nota-se a origem cultural em um processo assimétrico de síntese cultural, o que aqui significa a junção das três raízes já citadas com a dominação (embora não a predominância nem a maioria) da europeia.

Olhar o mundo com a mesma perspectiva dos cineastas latino-americanos da década de 1960 é, além de anacrônico, inadequado. A situação social, política e econômica apresenta-se atualmente de maneira consideravelmente diferenciada. No entanto, alguns elementos característicos da América Latina que foram debatidos na década de 60 não desapareceram repentinamente, mesmo porque possuem uma longa origem histórica. Por

outro lado, diversas situações contextuais da época desapareceram – os regimes ditatoriais conservadores e militares, para se ater a um exemplo. A partir desta percepção, torna-se possível uma análise mais adequada desta filmografia no sentido de auxiliar a compreensão da identidade latino-americana e guiar o processo de integração, buscando, sempre, as continuidades estruturais e as rupturas contextuais.

São feitas algumas análises para demonstrar a ligação da representação cinematográfica dos cineastas latino-americanos da década de 1960 com a identidade latino-americana. Algumas questões são abordadas nas obras dos três diretores estudados, como a própria colonização, a fome, a questão da identificação, o eurocentrismo e a dominação econômica.

Leva-se em consideração, também, a maneira pela qual os filmes escolhidos dialogam com a realidade e apresentam-na, sobretudo com enfoque na utilização da imagem documental. Em uma espécie de escala, seria possível colocar *A Hora dos Fornos*, de Fernando Solanas, em um extremo, por ser totalmente documental, repleto de imagens históricas, com uma narração em *off* e letreiros explicativos. Busca-se a representação documental da realidade, sem uma interferência ficcional. No outro extremo, está *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, considerado um filme alegórico, de alta carga simbólica. Todavia, Glauber estabelece semelhanças muito próximas entre sua alegoria e a situação latino-americana, permitindo ao espectador entender sua obra como uma crítica política. Entre estes dois extremos se encontra *Memórias do Subdesenvolvimento*, de Tomás Gutiérrez Alea. Esta obra transita entre a imagem documental e a ficção, aproximando a trama criada da realidade.

As primeiras, e mais célebres, defesas da unidade latino-americana remontam ao início do século XIX, período no qual a grande maioria da região obteve sua independência política em relação às metrópoles coloniais. No caso de Simón Bolívar, há três grandes temas e conceitos que permeiam todo seu pensamento – liberdade, identidade e integração – que, ao serem analisados, dão um panorama de sua visão de mundo. O clamor por liberdade confronta a dominação. Inicialmente, defende-se a tomada de consciência histórica, a

revelação da opressão para que, assim, se alcance a liberdade como prática, quebrando os grilhões de exploração e definindo a identidade latino-americana. Bolívar percebeu que o único laço que unia um povo, àquela época já miscigenado, era sua situação de exploração, dominação, servidão e decidiu utilizar este fato como mola propulsora para a criação de uma identidade comum baseada na ofensiva libertadora. Já quanto à integração latino-americana, o posicionamento de Bolívar pode ser descrito como utópico, pois a almejava ao mesmo tempo em que reconhecia seus obstáculos – geográficos, linguísticos, culturais, etc.

Mais recentemente, surgiram diversos projetos integracionistas. Na década de 1980, Brasil e Argentina foram os protagonistas de uma integração de tipo *desenvolvimentista*. O acordo tripartite entre Brasil, Argentina e Paraguai em 1979 para a produção de energia hidrelétrica abriu as portas para um diálogo mais amistoso entre Brasil e Argentina, que, nos anos 1980, centrou-se no Pice (Projeto de Integração e Cooperação Econômica Argentina-Brasil). Neste período, foram assinados diversos acordos de cooperação bilateral, principalmente na área da desnuclearização e fundamentados em um eixo econômico. Já na década de 1990, a região passou por processos de integração com forte base *neoliberal*, no chamado *regionalismo aberto*. O projeto do Mercosul (Mercado Comum do Sul foi fruto de Estados ultraliberais que buscavam a liberalização econômica e a internacionalização de suas economias através de acordos de livre-comércio. O pano de fundo era a globalização financeira. Por fim, na primeira década do século XXI a integração da América do Sul baseou-se na integração da infraestrutura, em um viés pós-liberal. O principal projeto é o IIRSA (Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana), que inclui os doze países sul-americanos com o intuito de alcançar a integração física, mais custosa e estratégica e que requer a ação dos atores estatais. Todas estas tentativas se focaram, grosso modo, na integração econômica, com alguns pontos de cooperação política. Todavia, em nenhum dos projetos o setor cultural é abordado.

## CONCLUSÃO

Este trabalho defende que a integração de nações em um único bloco é um fato demasiadamente complexo e de grande escopo para que seja diminuída a apenas um de seus aspectos – o econômico. Acredita, ademais, que subjacente aos projetos de integração, deve haver uma forte noção de pertencimento, decorrente de uma identificação de grupo, de região, com laços que mantenham os países e seus cidadãos juntos. Existe uma constante definição e redefinição da identidade regional através da cultura, e este fato pode ser decisivo para a estratégia político-econômica de integração.

Embora não esteja no centro da agenda internacional dos países, principalmente os em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, a questão cultural encontra eco nas chancelarias ao redor do mundo. As relações culturais internacionais são capazes de interligar diversos fatores da ação diplomática (político, comercial, técnico, econômico) negociando alianças e superando barreiras entre os povos. A associação com a integração é imediata. Uma diplomacia cultural poderia destravar as barreiras existentes para a integração fazendo os países envolvidos compartilharem valores, passado objetivo, situação econômica, política e social, dentre outros. Tome-se como exemplo o projeto *EuropaCinemas*, da União Europeia – uma rede de salas de cinema fundada em 1992 com o intuito de exibir somente filmes europeus. O público-alvo é o jovem, em uma aposta para fortalecer sua consciência europeia gerando um fortalecimento das instituições regionais no presente e no futuro. Somente em 2010, 70 milhões de pessoas foram atingidas por este projeto.

Assim, podemos pensar em outro paradigma para a integração regional: o paradigma da integração cultural. A aposta na cultura, e no cinema como criador e reforçador de identificação, possibilitaria uma maior coesão entre os povos a integrar-se. O cinema latino-americano, ao olhar para a região, não vê apenas problemas comuns, mas também soluções compartilhadas. O cinema latino-americano que pode fazer florescer a consciência, a identidade e o sentimento de pertencer à América Latina.

## **BIBLIOGRAFIA SINTÉTICA**

BOMBASSARO, Luiz Carlos, VIDAL, Silvina Paula (org.). *Latinidade da América Latina – Enfoques filosóficos e culturais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *L'identité et la Représentation: éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région*. In: *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, n. 35, 1980.

DOUGHERTY, James, PFALTZGRAFF JR, Robert L. *Relações Internacionais – As teorias em confronto: um estudo detalhado*. Lisboa: Gradiva, 2003.

HAESBAERT, Rogério. *O Espaço Importa: Dilemas da construção identitário-territorial na contemporaneidade*.

HURRELL, Andrew. *O Ressurgimento do Regionalismo na Política Mundial*. In: *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro, v 17, n.1, jan-jun 1995.

RIBEIRO, Edgard Telles. *Diplomacia Cultural: Seu papel na política externa brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1989.

SHOHAT, Ella, STAM, Robert. *Crítica da Imagem Eurocêntrica – Multiculturalismo e Representação*. São Paulo: CosacNaify, 2006